



O oleiro de Pompeia — (Quadro de Thumann)

N.º 274 Lisboa, 22 de Maio de 1911

ASSIGNATURA PARA PORTUGAL, COLONIAS
PORTUGUEZAS E HESPAÑIA:

Anno. 4\$800 — Semestre, 2\$400 — Trimestre, 1\$200

Ilustração
PORTUGUEZA

Edição semanal do Jornal O SÉCULO

Director: CARLOS MALHEIRO DIAS
Director artistico: FRANCISCO TEIXEIRA
Propriedade de: J. J. DA SILVA GRAGA
Editor: JOSE JOUBERT CHAVES

Redação, Administração e Officinas de Composição e Impressão RUA DO SÉCULO, 43

BAUME BENGUÉ
 Cura Totalmente
RHEUMATISMO
GOTA
NEURALGIAS



D^o BENGUÉ, 47, rue Blanche, Paris, e em todas as Pharmacias.

O mais Artístico dos Perfumes de Luxo
O mais Poderoso dos Perfumes de Luxo



Relique d'Amour
L. LEGRAND
 PARFUMERIE ORIZA
 11 PLACE de LA MADELEINE . PARIS

PARA ENCADERNAR A
Ilustração Portuguesa

Já estão à venda bonitas capas em percaline de phantasia para encadernar o **primeiro semestre d'este anno** da *Ilustração Portuguesa*. Preço, 360 réis. Tambem ha, ao mesmo preço, capas para os semestres anteriores. Envia-se para qualquer ponto a quem as requisitar. A importancia pòde ser rmitida em vale do correio ou sellos em carta registada. Cada capa vae acompanhada do indice e frontespicios respectivos. *Administração do SÉCULO—LISBOA*

LOCÃO DEQUEANT

CABELLO BARBA PESTANAS SOBRANCELHAS

Unico producto scientifico apresentado na *Academia de Medicina de Paris* contra o microbio da Calvicie e todas as affecções do couro cabeludo. *L. DEQUEANT Pharmaceutico, 39, Rue Clignancourt, Paris*. Em LISBOA, 15, Rua dos Zapateiros, a quem deve-se dirigir para todas as informações gratuitas. A VENDA EM TODAS AS BOAS CASAS DO PORTUGAL.

Laxatina

Contra a **PRISÃO do VENTRE**

E' o medicamento mais suave, economico, eficaz e inoffensivo para adultos e creanças. Caixa 240 réis. **COMPANHIA PORTUGUEZA HYGIENE**. Pharmacia: ROCIO, 60 a 63—LISBOA

Estomago

O carvão naphtolado granulado da **Companhia Portuguesa Hygiene** é de grande efficacia nos casos de dyspepsia, dilatação do estomago, embaraço gastrico, digestões difficeis, flatulencia, diarrhéas putridas e em geral nas termentações intestinaes. Frasco, 500 réis.

Pharmacia: ROCIO, 60 a 63—LISBOA



Gillette

NÃO NECESSITA AFIAR NEM ASSENTAR

Mais de quatro milhoes

de Machinas "GILLETTE" estão em uso entre as classes mais distinctas da sociedade em todas as partes do mundo.

MANEJO FACILIMO. ENORME ECONOMIA.

ABSOLUTAMENTE SEM PERIGO.

NÃO EXIGE APRENDISAGEM. MUITISSIMO HEGYENICO.

TOMAR EM CONSIDERAÇÃO AS LAMINAS CURVAS

A machina completa triple-prateada, em um lindo estojo de coiro, custa completa com 12 laminas ou sejam 24 gumes, **REIS 5.000**

As machinas "GILLETTE" e laminas de sobrecellente vendem-se em todas as boas lojas de ferragens, quinquerias, perfumarias, etc., e principaes Cidades do Paiz.

Mez das Rosas

A EXPOSIÇÃO DA CAMARA MUNICIPAL

Maio é o mez das rosas; todos os jardins as teem, até n'uma ou n'outra varanda ellas espreitam nos seus vasilhos namoradas do sol. Passa-se pelos arruados dos jardins publicos com olhos cubiçosos e bem sabe ficar n'um banco,

já de especies apuradas nos viveiros municipaes onde superintende esse grande amigo das flores que é o jardineiro illustre Fernando da Silva; teem bizarraria na cor, originalidade na forma, aroma que en-

bria sahindo das petalas cremes, vermelhas, brancas, parecendo rebentar de vida a dizerem-nos que estão ali as mais lindas flores portuguezas.

no ambito aromatico d'aquelles cachos, no perfume d'aquellas lindas flores que chegam com os prenuncios e com as bellezas de maio.

A Camara Municipal fez tambem a sua exposição annual, encheu a sua escadaria, o seu atrio, os largos patamares com immensas variedades de rosas que encantam, prendem a vista, obrigam a largas contemplações.

Algumas são





E' muito interessante a cultura que se faz nos jardins da Camara onde, já apparecem rosas de nome como as *Koenig Carota*, *Louis Ricard*, *madame Driant*, *Killarney*, *Glorie Lyonnaise*, *Oger etc.*, esses formosos specimens que as nossas gravuras apresentam.

A vista d'esta linda exposiçao suggeriu-nos a idéa de que Lisboa é bem uma terra de flores e isso viu-se,

comprovou-se ha dias quando n'uma grande garridice a cidade se paramentou de rosas para receber os congressistas do turismo.

Nas janellas, nas ruas, nas montas, ás portas das lojas ellas eram grinaldas, festões, feixes, ramos, formavam barcos e symbolos, eram allegorias e eram letras, surgiam umas cheias de modestia, appareciam outras n'um alarde, n'umas petalas o vermelho estridente, n'outras o suave, o doce colorido creme.

E todos os olhos se prendiam n'ellas e todas as atenções n'ellas se fixavam, sorriam para ellas as mulheres n'uma contemplação estatica,

Lisboa é bem uma terra de flores. Appareceram a engalanar as lojas da Baixa n'uma profusão enorme, n'um alarde opulento. E ao mesmo tempo comparando essa alluviaõ perfumada com o preço porque nos vendem as flores,



Um aspecto da exposiçao na Camara Municipal

o nosso espirito cança-se a procurar o motivo porque tendo a natureza sido tão prodiga para connosco ao dar-nos essas gloriosas e soberbas rosas, esses cravos vermelhos, esses myosotis,

as papoulas rubras, toda essa symphonia de côr, de belleza, de maravilha não ha forma de florir uma

botoeira, de encher uma jarra, de ornar um centro de mesa sem que isso custe um dia de trabalho, umas horas de canceira.

A Camara Municipal tem milhares de flôres nos seus jardins e devia estabelecer dentro d'elles, *kiosques* de venda a preços economicos; empregar todos os esforços para que todos nós pudéssemos ornar os nossos lares n'um culto pela grande belleza das plantas, que são um sedativo e são uma alegria.

Agora para demais em todos es-



ses jardins dos antigos paços reaes as rosas crescem, os canteiros enchem-se, os viveiros que eram privativos podem contribuir para o barateamento da flôr, para a baixa do

seu custo exorbitante n'uma terra tão fértil.

O parque das Necessidades tem verdadeiros moitodos de rosas e ainda ali se podem cultivar outras flôres, tem estufas bem preparadas onde se podem fazer grandes cultivos, terrenos largos onde ellas germinariam. A tapada da Ajuda tambem tem os seus jardins ligados com o Observatorio; o palacio da Ajuda é de uma verdadeira prodigalidade em flôres no seu jardim botanico e no paço de Belem o mesmo succede.

Se hão de desfo'har-se nas



Outro aspecto da exposição

Exorbitam-se os preços; faz-se uma colheita reduzida.

Não ha concorrência, surge como um monopólio parecendo que a natureza cria as rosas, lhes dá aquella belleza, aquelle perfume para irem prodigamente enriquecer os floristas.

Agora, n'esta época, em que ellas são o encanto dos olhos, a tentação bem patente aos nossos desejos, quem não póde ter o seu jardim em volta de uma casinha, quem não tem um simples quintal onde as cultive também difficilmente, se não tiver avultados ganhos, póde comprar um ramo para collocar na sua jarra, a alegrar-lhe a casa tanto como a luz do sol.

Criou-se em Queluz, por iniciativa do ministro do fomento, uma escola de jardinagem; vão ali ser feitas applicações de theorias e um aturado estudo pratico de que virão optimos resultados, desenvolver-se-ha mais a mais, de dia para dia o cultivo da flôr mas é necessario tam-

hastes, morrer n'um abandono ou serem colhidas por qualquer, melhor seria estabelecer-lhes preços e promover-lhes a venda, o que daria lucros e faria uma verdadeira baixa no mercado.

A cidade tem tres ou quatro estabelecimentos de floristas.

São elles que decretam os preços e d'ahi as flôres só poderem ser ostentadas pe-

los ricos quando não ha ninguem que as não ame, não as deseje, não goste de as ter na sua frente tão lindas, tão garridas, com alguma coisa de terno e de encantador nas suas pétalas de gentileza e graça.

Mas não succede assim.

bem que ella na sua abundancia, se barateie.

Não ha nada mais desolador do que vêr uma linda creança estendendo a mãozinha para uma d'essas lindas rosas que enchem as montras dos

floristas, sorrir-lhe cheia de desejo e sabermos que para a comprarmos, para lhe satisfazermos a vontade ardente, expressa no seu gesto é preciso mais dinheiro que para comprar um pão.

Terra de flôres, onde as flôres custem tão caras como em Portugal não ha em todo o mundo.

Para mais ellas nascem de

uma fôrma que espanta, plantam-se e surgem, com mais ou menos belleza, com mais ou menos côr, com mais ou menos aroma mas surgem. E' olhar para alguns quintaes, para os muros dos jardins, onde espreitam, para as varandas onde se mostram; é vêr esses jardins publicos cheios d'ellas!

Que se attenda a isto; que a Camara faça a venda das suas flôres, que trate como até aqui dos seus ricos viveiros e todos nós poderemos ter um ramo fresco na nossa meza, a dar-nos uma ajegria e a desenvolver o culto que instinctivamente por ellas existe em todas as almas!

Esse culto affirma-se de tal maneira que na festa das flôres da rua do Ouro a multidão claramente se manifestou com verdadeiro jubilo deante d'aquellas fachadas engrinaldadas, das montras com as suas bisarras decorações, das jane'las esmaltadas de rosas, dos ornamentos formosos que por toda a

parte se afixaram de uma maneira mais profusa do que artistica, devemos dizel-o.

Dia e noite o povo passou por deante dos estabelecimentos, analysou detidamente as ornamentações, detendo-se muito tempo na sua contemplação por que mostrou o maior e mais alto interesse, affirmando assim a sua devoção por essas flôres que custam tão caro como se fossem raros productos de distantes regiões.



(Glicêes de Benollet)

MANIFESTAÇÕES DO CULTO EXTERNO NA FRANÇA REPUBLICANA.



Os meninos de côro no cortejo religioso em comemoração da libertação de Orleans por Joanna d'Arc

Orleans acaba de comemorar o 482.º aniversário da libertação da cidade por Joanna d'Arc, ha pouco consagrado pela igreja.

Apesar da separação da igreja do Estado, a França sempre festeja n'um culto religioso a heroína, a pobre *Pucelle* de Orleans, victima de tantos odios e de tantas maldições, que tendo procedido por ale vantado patriotismo a igreja fez queimar como hereje para agora a celebrar como santa.

N'um grande cortejo, uma verdadeira procissão, com meninos do côro, filhas de Maria, o arcebispo de Orleans e o bispo de Bruges, Joanna d'Arc recebeu as homenagens da sua cidade natal entre nuvens de incenso, repiques de sinos, litanias de sacerdotes n'um dos mais bellos pontos da França republicana, onde foram prohibidos este anno os cortejos operarios no dia 1.º de maio.



O culto em plena rua

AS MANIFESTAÇÕES SOCIALISTAS NA FRANÇA REPUBLICANA



A praça da Concordia ocupada pelas tropas a fim de impedir a reunião dos socialistas



As tropas e a policia impedindo a formação do cortejo 1.º de maio (Clichés Delius)

O general Commandante da Guarda Nacional Republicana



O general Encarnação Ribeiro, commandante da Guarda Republicana (Cliché Vasques)

Nos trabalhos de criação e organização da nova guarda nacional distinguiu-se o sr. general Encarnação Ribeiro, militar eminentemente moderno, espirito cultissimo, superior capacidade de commando, que se affirma, simultaneamente, pela firme energia e pela gentileza extrema, — mão de ferro em luva de velludo. O decreto ha pouco publicado é um documento eloquente do espirito renovador da Republica: para elle muito contribuiu, na comissão nomeada para a reorganisação d'aquelle corpo de tropas, o valor e a experiencia do seu actual commandante. O sr. general Encarnação Ribeiro, que já em varias commissões de serviço, e, designadamente, no modelar e superior commando de caçadores 2, revelára o seu talento organisador e as suas faculdades excepçoes de disciplinador firme,

acaba mais uma vez de affirmar-se, primeiro, convertendo o antigo corpo pretoriano das guardas municipaes, sinecura brilhante e elemento sombrio de repressão, n'uma guarda republicana util, moderna, activa e disciplinada, — depois, contribuindo pela sua nobre iniciativa, pelo seu esforço intelligente e pelo seu trabalho superiormente orientado, para a criação e diffusão pelo paiz d'uma guarda rural e florestal, — criação que amanhã terá uma decisiva influencia na economia rural e na vida agricola do paiz. Mais um serviço que se deve ao illustre militar, que na comissão organisadora teve um tão importante papel, e que já no movimento politico de 28 de janeiro se manifestára um republicano d'alma, de principios e de convicção.



1—Sr. José Belvas 2—Dr. Antonio José d'Almeida 3—Dr. Bernardino Machado

4—Dr. Brito Camacho 5—Dr. Eusebio Leão

Lisboa foi a cidade escolhida para o 4.º Congresso Internacional de Turismo e todas as classes capricharam em receber com o maior carinho, com as mais inequívocas provas de jubilo, os congressistas chegados de todos os pontos da Europa n'uma curiosidade enorme pela região portugueza.

No estrangeiro os acontecimentos políticos dos ultimos tempos fizeram chamar para nós as atenções; a fôrma como tudo se passou, essa queda da monarchia quasi sem derramento de sangue, tornaram aos olhos alheios bem interessante a nossa patria e fizeram com que abundassem os turistas. Uns queriam constatar se era bem verdade o que se lhes affirmava, se havia entre nós paz e socego; outros chegavam attrahidos pelas bellezas da paizagem descripta nos jornaes a proposito da vida portugueza, todos procuravam o sol luminoso e bello que nos faz alcançar de *pays du soleil*.

Se é certo que não tiveram desillusões com o resto, com o sol deviam ficar bem desilludidos. Os primeiros dias do Congresso foram pardos, extranhos por este maio em

que florescem as rosas, e o brillantismo das festas perdeu muito com essa falta da luz tão característica de Portugal.

Os turistas desembarcaram, passearam pelas ruas e quando julgavam que iam ver uma cidade mesquinha, com um ou outro grande monumento, sem modernismos, sem as bellezas dos grandes centros, viram a Lisboa nova e ficaram agradavelmente impressionados, com as avenidas largas, a casaria, os jardins e sobretudo com a fôrma porque a rua do Ouro se vestiu de flôres para os receber.

Foi a mais bella das surpresas; as paredes, as montras, as portas das lojas, as janellas ostentavam verdadeiras grinaldas enormes festões de rosas como na Casa Santos Mattos que chamava as atenções com a sua original decoração, como as livrarias Ferreira e Cernadas ambas ornamentadas com verdadeiro gosto artistico e ainda varios estabelecimentos em cujas fachadas com as suas rosas vivas davam as boas vindas mais gentis aos que nos visitavam. E pela noite, no fulgor das illuminações, que o povo contemplava em



6—Sr. Braamcamp Freire, presidente da Camara Municipal de Lisboa



7—Sr. Magalhães Lima 8—Sr. Ventura Terra, vereador da Camara de Lisboa

massa, o espectáculo re-dobrava de belleza e de esplendor.

No dia 12 de maio inaugurou-se o Congresso na Sala Portugal da Sociedade de Geographia falando o ministro dos estrangeiros, o presidente da Camara Municipal e os delegados da Hespanha e da França, sr. Luis Morales e Lorieux.

O chefe do Governo Provisorio aguarda-



1—Aspecto da Sala Portugal da Sociedade de Geographia, durante a sessão solemne da abertura do Congresso

ra os congressistas no palacio de Belem sendo trocados os mais cordiaes cumprimentos e brindes de seguida ao magnifico lanche que lhes foi oferecido.

A Camara Municipal de Lisboa recebeu nas suas salas os turistas n'uma esplendida festa. O povo agglomerava-se no largo do Municipio a ver a fachada illuminada, a bella escadaria ornada de plantas e onde os bombeiros se perfilavam. Lá dentro; nos magnificos salões os nossos hospedes com as suas toilettes de cerimonia, as senhoras decotadas, gente de toda a Europa, representantes de todas as classes, viam como os homens do novo regimen recebiam os estrangeiros. Houve um concerto em que cantou Madame Mantelli, e as sr.^{as} D. Alice Lopes e Cesaria Lyra, tocando o grande pianista Viana da Motta.

Pelas 10 horas da noite ouviu-se um ruído de palmas e vivas, um clamor de entusiasmo diante do edificio; as janella abriram-se de gente e então assistiu-se ao mais deslumbrante dos espectaculos. Era o povo que vinha saudar os hospedes da capital da Republica.

As musicas tocavam, esvoaçavam bandeiras de varias nações conduzidas pelos populares á luz dos balões venezianos que eram um fulgor e um deslumbramento.

A banda da Guarda Republicana no coreto do lar-



2—A meza da presidencia na primeira sessão do Congresso enquanto falava o delegado hespanhol
3—Outro aspecto da Sala Portugal da Sociedade de Geographia, durante a sessão solemne da abertura do Congresso



1—O interior da Joalharia
Canongia
2—A fachada da ourivesaria
Xavier de Carvalho
(1.º premio em rosas)
3—A decoração do Banco
Lisboa e Açores
4—O povo admirando as montras

A casa dos Espartilhos
dos srs. Santos Mattos & C.^{as}, que
obteve um dos 1.^{os} premios,

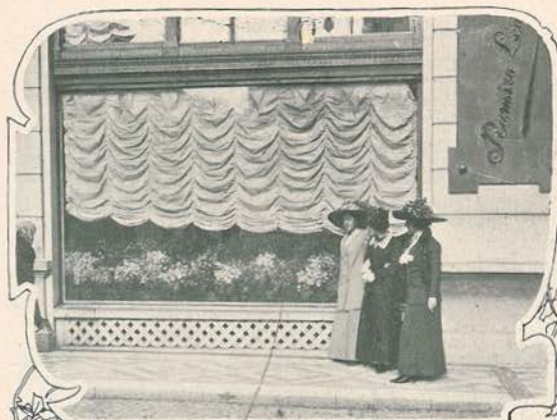
(Cliché de Benoit-L)





- 1—A mostra da Joalheria Canongia
- 2—Um trecho da rua do Ouro ornamentada
- 3—Os quartos andares
- 4—O prédio onde está instalada a casa Barros e Sá (primeiro premio)
- 5—Um aspecto do Rocío

go do Municipio tocava a Portuguesa e o povo cantava-a



com delírio; ouvia-se depois a *Marselha* e o entusiasmo continuava; o mesmo côro de vozes acompanhava o hymno inglez e o hymno hespanhol.

Depois a multidão retirou soltando ainda os seus vivas, deixando os turistas encantados.

O dia de domingo, 14.



1—Uma das montras da casa Ramiro Leão, cuja ornamentação, tanto pela beleza das flores como pelo bom gosto que presidiu à ornamentação, era notabilíssima 2—Montra da Ourivezaria Moniz da rua do Ouro, premiada com diploma de 1.ª classe (Rosas do jardim do sr. Silva Graça) 3—Montra da livraria Rodrigues e Silva, premio de 1.ª classe no concurso de flores de estação, cortinas 4—Montras da livraria Cernadas & C.ª que obteve o 1.º premio

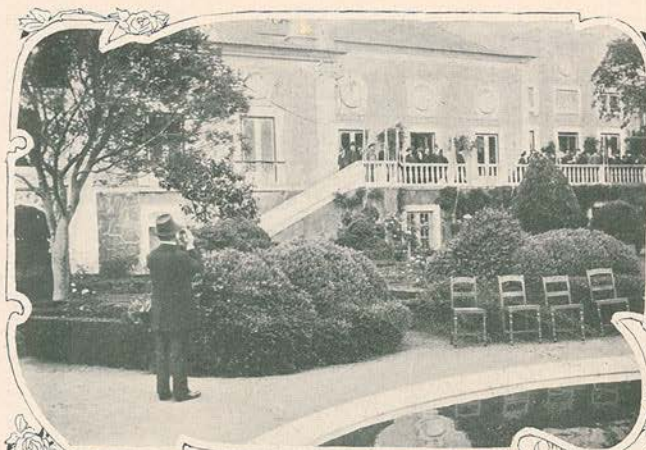


e que contem verdadeiras preciosidades artisticas e que o ministro das finanças n'esse mesmo dia inaugurou. De Evora voltaram encantados com as bellezas dos monumentos mas foi o Ribatejo que lhes deu a mais agradável, a mais sensacional impressão. Aos seus olhos passou, n'uma apothese, a vida rural portugueza; a

1—A ornamentação da Maison Blanche (primeiro premio)
 2—A fachada da pharmacia Teixeira Lopes
 3—A fachada da casa das Novidades primeiro diploma em ornamentação de rosas

promettia ser tambem uma das mais bellas partes do programma. Além do concurso hippico em Palhavã havia o passeio a Setubal para cem excursionistas, a excursão a Maíra, a Evora e ao Ribatejo. Partiu-se alegremente pela manhã para esses pontos. Em Setubal a Camara Municipal offereceu um almoço na esplanada do Sanatorio d'Outão, em Maíra visitou-se o novo Museu ali installado





parada agricola foi magnifica e elles viram desfilar de seguida todo o grandioso cortejo sentindo toda a sua belleza e todo o seu pittoresco. Passaram primeiro os campinos com os seus trajos, os pampilhos erguidos, desbarateados, nos colletes ver-



1—Na varanda do palacio de Belem no dia do lanche



melhos as scintillações das chapas de prata; depois uma serie de carros allegoricos com alfaias, machinas, ranchos de ceifeiras, cavadozes, camponezes, especimens d'essa população ribatejana que leva a vida na labuta cantando e rindo ao sol.

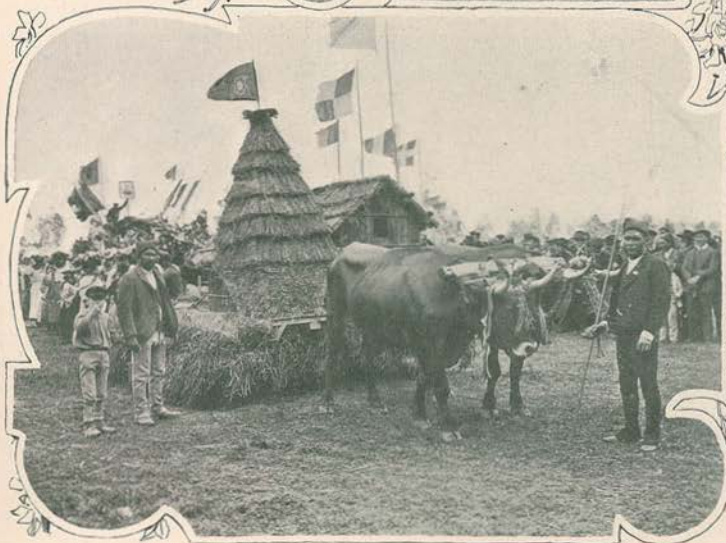
E foi com os seus canticos regionaes e com os seus bailados que ella saudou aquelles

- 2—A saída do palacio de Belem: Os congressistas e o presidente da Camara de Lisboa
- 3—No palacio de Belem: o ministro dos estrangeiros e os congressistas no dia do lanche
- 4—No jardim do palacio de Belem



batejo com as suas
velas triangulares
esperavam os con-
gressistas quando
a chuva torrencial
veiu destruir toda
a alegria do espe-
ctaculo. Não se
pôde vêr até fi-
nal a ferra de ga-
do; o comboio
encheu-se; Lis-

que de tão lon-
ge vinham vêr
as suas cam-
pinas ferteis.
Em grandes
mezas ao ar
livre foi servi-
do o almoço
bem á portugeza com
a sua salada d'alface,
o seu Perú recheado e os
vinhos da região. De-
pois pensou-se na reti-
rada; os botes do Ri-



- 1—O embarque
dos excursionistas em
Villa Franca
- 2—A cavalgada
dos camponos na para-
da agrícola da
Lezíria
- 3—Carro de lavrador
Augusto José
dos Santos

boa chamava-os.
O concurso hip-
pico foi tambem



1—Um pittoresco trecho do cortejo: as segadoras 2—Rancho de camponias
3—Carro da antiga alfafa agrícola: o arado de pau 4—A sala-calção da camponesa ribatejana
5—Carro do lavrador Carlos Gonçalves



1—O carro de Ceres
2—Rancho de camponezas do Ribatejo



prejudicado pela chuva realisan-do-se apenas a prova de ensaio que foi ganha pelo capitão de cavallaria sr. André Reis. A tourada nocturna teve que ser addiada.

Na noite de 15, reali-sou-se no Estoril uma festa excellente com illu-minações e fogo de arti-fício que foram deslum-brantes.

Esta primeira parte dos festejos foi, como se vê, excellente, revestida d'um grande enthusiasmo e com o sol vivo que costuma brilhar por este mez de maio, teria deixado encantados os nossos hospedes, vindos das suas patrias assis-tir ao 4.º Congresso de Turismo em Lis-bôa que os recebei



3—Carro de diversos lavradores



1—O carro dos valladores das Lezírias
 2—O carro da hydraulica agricola da Companhia das Lezírias
 3—Ceifeiras mechanicas com os seus ceifeiros



- 1—O carro de homenagem aos congressistas estrangeiros, onde se viu raparigas do campo vestidas com trajes symbolizando as diversas nações representadas no congresso
- 2—O lavrador Joaquim Mendonça passando no cortejo agrícola
- 3—O local do almoço
- 4—Uma grade atrelada a cavallos
- 5—Um distribuidor de adubo
- 6—Carro do lavrador sr. Joaquim Mendonça

vestida de flores, cheia de galas, com vivas e palmas n'um magnifico acolhimento.



1—Um grupo de cefeiras e trabalhadoras do campo

2—O regresso a Villa Franca, no caes do Cabo

(Clichés de Benoitel)



A EXPOSIÇÃO DE DRESDEN



1—A entrada da exposição
2—O pavilhão da China 3—O rei Frederico
Augusto de Saxe na sua visita
à exposição



Numerosos estrangeiros acabam de visitar Dresde.

Foram sabretudo homens de sciencia de todo o mundo que se dirigiram á historica cidade germanica onde se inaugurou uma grandiosa exposição de hygiene.

Por toda a parte surgem as exposições; os povos estreitam assim as relações entre si, mostram as suas bellezas, atrahem os homens d'outros paizes como succedeu em Turim ha pouco em Bruxellas e agora em Dresde.

Esses homens de sciencia aproveitaram a occasião para vêr os museus celebres da capital de Saxe como o do Castello Real onde estão installadas as maravilhosas joias, os grandes trabalhos de ourivesaria, as pedras preciosas que são deslumbramentos, para percorrerem no Lwinger as salas onde se mostram as colleções ethnographicas, mineralogicas, mathematicas e physicas; o Novo Museu cuja galeria é uma das mais



celebres da Europa e tem mais de duas mil telas e o Albertinum onde estão as antiguidades de toda a espécie em que é rica a terra que Herder chamava a Florença do Norte ante as suas maravilhas artísticas.

De Bruschie Terrasse avista-se a exposição e as margens do rio que divide a cidade. Mesmo aquelle local é muito pittoresco. São restos de antigas muralhas da cidade que as balas dos exercitos napoleônicos pouparam e das quaes fizeram jardins magníficos d'onde se goza um panorama inegalavel de toda essa margem esquerda onde se faz a exposição e da margem direita do Elba onde fica o celeberrimo palacio japonéz comprado por Frederico Augusto I e no qual está a magnifica bibliotheca real que tem mais de quatrocentos mil volumes.

Foram todas estas maravilhas que os sabios, os turistas, os homens de sciencia viram na sua passagem pela cidade em festa. Todos os paizes se fizeram representar n'essa exposição de hygiene e até alguns d'uma maneira bem original como a Russia e como a China.

O pavilhão da Russia é todo em mosaico do mais bello effeito; pedacinhos de marmores, pedras variiegadas reluzem na chapada do sol; o pavilhão chinéz é d'um admiravel desenho característico.

Um dos grandes aspectos da cerimonia da inauguração do certamen foi a dos magnates húngaros com os seus trajes de gala. A Hungria com todas as suas tradições fez-se representar por elles, principes e patriotas, agarrados ao costume nacional vestindo-o com dignidade, causando um respeitoso pasmo nos espectadores.



Magnates húngaros, em costume nacional visitando a exposição

Os delegados das diversas nações apresentaram-se tambem na grande sala das ceremonias onde o rei Frederico Augusto de Saxe declarou aberta a exposição e falou dos seus fins. Depois foi franqueado ao publico o vasto recinto e as varias instalações.

Construida com um notavel bom gosto, tendo um grande ar, um admiravel estylo, a exposição continúa a atrahir os estrangeiros que todas as tardes dos Jardins de Bruschie Terrasse a contemplam bem como os maravilhosos edificios da linda Florença do Norte que o Elbe divide com as suas aguas.



O pavilhão da Russia

DA REVOLTA DO PORTO À LEGAÇÃO DE BRUXELAS

Na madrugada tragica da revolta do Porto, em 31 de janeiro de 1891, deante da multidão rumorejante, dos soldados que se moviam n'um tinido de armas, na excitação das ultimas vibrações da *Portuguezza* e de uma noite de esperanças e de entusiasmos um homem destacou na varanda da Camara Municipal e a sua voz rijamente, n'um brado que a enrouqueceu, declarou abolida a monarchia dos Braganças e proclamada a Republica de Portugal.

Essa voz era a de Alves da Veiga. Foi ha vinte annos.

Dentro em pouco começava um tirotoio, zuniam as balas, tocavam os clarins, a guarda municipal barrava o caminho aos regimentos revoltados, o povo debandava n'um pânico, foragido, sem armas; os soldados republicanos ficavam a bater-se e o seu sangue tingia as pedras da rua.

O sol ao surgir n'essa manhã de nevoeiro sorvêra o primeiro sangue que se vertia pela republica, dourava por uns momentos a primeira bandeira encarnada e verde que se arvorava. Era tudo. A derrota chegava e com ella os desesperos, as dôres mudas, as humilhações, os conselhos de guerra em que se condemnava no balanço dos navios, entre dois vomitos de enjôo, ao presidio, á deportação, á Africa. Os vencedores applicavam a lei marcial; o povo mettia no seu coração os degradados com esse fundo sentimental que o bom portuguez tem por todos os vencidos, por todos os desditosos, por todos os que soffrem. A piedade e só a piedade, abria as almas para o protesto, a preparal-os para a revolta ao cabo de vinte annos.



1—Alves da Veiga, estudante de Coimbra (1874)
2—Alves da Veiga (1883)
3—Alves da Veiga, mestre da maçonaria (1889)

DEPOIS DA REVOLUÇÃO DO PORTO — OS VENCIDOS

Alves da Veiga não foi para o degredo, foi para o exilio.

Ficou no Porto depois da derrota, passou uma noite a sentir passar as patrulhas, a saber que se enchiam as cadeias. Era precisa a sua acção; um chefe não se devia entregar. No exilio seria util á sua idéa, ao sonho que durante umas horas julgára tornar-se realidade.

Professor de historia, habituado a vêr nas suas paginas as grandes desventuras, aprendendo nas suas lições o estoicismo dos vencidos, conhecendo o orgulho de todos os vencedores, esperava ainda, enchia-se d'essa messianica idéa que é uma força, resignava-se e deliberava ainda lutar. Pe'a manhã, sem o menor distarce, metteu-se n'um trem, embarcou na Granja e, ao chegar ao Entroncamento, passou para a linha de Valencia de Alcantara; entrou n'um coupé-leito e dormiu extranhamente com esse somno que chega depois das grandes crises. Ao acordar passára a fronteira. Estava salvo. Entretanto a policia vigiava a raia do norte, a orla gallega, julgando que sahiria por ali.

Demorou-se uns dias em Valladolid; depois entrava em França para, nos primeiros dias de março, partir para Vigo onde, no hotel Continental, recebia os jornalistas hespanhoes que o procuravam anciosos de noticias. A esposa e os



Alves da Veiga
(1901)

filhos, então creanças, iam ter com elle á cidade gallega e d'ahi a pouco estava em Madrid rodeado por outros infelizes emigrados portuguezes.

O exílio era duro para os soldados e sargentos da revolta que tinham conseguido escapar-se trocando as fardas rotas por trajos civis. Era uma legião de desgraçados afixando a miséria de todos os vencidos. Alves da Veiga via tudo aquillo n'um desespero; soccorria os que podia, encontrava-se com os políticos hespanhoes a pedir em nome da humanidade caridade para os exilados. Ballasteros ia mover o ministerio; esperavam esses soccorros nunca negados em terra extranha a soldados derrotados.

O chefe civil da revolta do Porto installava-se então em Paris com os seus. Era necessario recommear uma vida, trabalhar como advogado, arranjar recursos n'aquella boa hospitalidade franceza porque a sua fortuna ia-se desfalcando. Trabalhou com immensa coragem; entrou no Palais precedido de fama e assim ficou luctando e esperando sempre a grande hora da realisação do seu ideal, que só che-

garia ao cabo de vinte annos.

PORQUE RECUSOU A AMNISTIA — A VIDA EM PARIS

A opinião publica em Portugal reclamava todos os dias. Um sopro forte de amor pelos vencidos sahia de todos os labios. Para pagar uma rebellião de horas já bastavam esses dois annos de humilhações, de dôres, de desesperos nos presidios africanos, essas torturantes vidas nos exilios em que escasseavam recursos, em que muito se soffria. E' sempre assim. Em Portugal todas as almas se abrem para os vencidos. A terra é tão pequena que parece ser toda da mesma familia. A esse movimento humanitario, a esse pedido de todas as boccas a favor dos condemnados respondeu-se com um decreto de amnistia, do qual se isentavam os militares. Era no mez de março de 1893. Alves da Veiga do seu exilio declarou não acceptar para si uma amnistia de tal fórma concebida.

«Emquanto as fronteiras portuguezas não se abrirem para todos, emquanto gemer no exilio ou nas prisões qualquer das vi-



Dr. Alves da Veiga e Magalhães Lima (1909).

climas da generosa tentativa revolucionaria, eu continuarei sendo scripto; solidario nas idéas sel-o-hei tambem nos sacrificios, embora sinta cada vez mais funda a nosta'gia da patria, d'essa formosa terra que adoro como um filho que adora sua mãe»

Escreveu isto e não veiu; ficou em Paris a trabalhar, a lutar, n'aquella anciedade que nunca o abandonou, recebendo o consolo de vêr os filhos ganhando os primeiros premios na escola: Augusto distinguindo-se no Lyceu Carnot; Laura no Lyceu Racine.

OS DISCIPULOS. O DIPLOMATA DA REPUBLICA

N'um repente refizera a sua vida. Ao professor que fôra e dos mais brilhantes succedera o advogado. Os seus discipulos eram já individuos celebres na politica portugueza como João Arroyo, Pinto de Mesquita, Duarte Leite, João Novaes, Eduardo de Sousa, outros illustravam-se na litteratura como Antonio Nobre e Alberto de Oliveira; na arte dramatica como Christiano de Sousa. O mestre, no exilio, ia trabalhando cheio de esperanza.

Decorreu o tempo, passaram estes vinte annos agitados de tanto mal estar na terra portugueza. Procuraram-se todos os remedios, fizeram-se todas as tentativas, ousaram-se todos os esforços, experimentaram-se todas as governos e de repente, inesperadamente, surgiu a Republica pela qual Alves da Veiga continuou sempre combatendo.

Voltou então a Portugal, mas



O ultimo retrato do dr. Alves da Veiga (1910).

voltou com o sorriso nos labios para os vencidos relembrando bem o tempo em que o fôra. A victoria dos seus não representava, decerto, para o seu espirito o dominio; aos seus labios acudiam palavras de paz, sabendo bem que só com ellas, n'uma profunda união de todos os portuguezes dignos, se pôde regenerar a patria que de todos os esforços precisa.

O homem voltou assim do exilio e ao vêr de novo os campos de Portugal relembrou, na hora do triumpho, o tempo passado, essa propaganda

de noites e dias por bairros e quartes, as aventuras nas casernas como na de caçadores 7, em Valença, onde, ficando depois do toque de recolher, só pela alvorada a poude sahir; as conspirações em Santarem, na casa de Francisco Canha,

tendo a seu lado o então tenente de artilharia 3, Affonso Palla, as bellas

aventuras da mocidade devotada a um ideal que foi o primeiro a proclamar a luz do sol n'uma manhã tragica da primeira revolta que para a sua implantação se fazia.

Ante os seus meritos, os seus talentos, a sua provada competencia, os seus largos serviços a Republica escolheu-o para seu representante em Bruxelas e ali, n'uma alta comprehensão do seu cargo, Alves da Veiga trabalha sempre pelo querido Portugal.

Tal é o homem que nos representa na Belgica.

ROCHA MARTINS

·A·INAUGURAÇÃO·DA·EXPOSIÇÃO· DE·TURIM·



A exposição universal de Turim, que fica nas margens do Pó, n'uma extensão de tres kilometros e n'uma superficie de um milhão e duzentos mil metros quadrados, dos quaes quatrocentos mil estão cobertos de edificios, tem dez entradas. As margens do bello rio são ligadas por cinco pontes: a ponte Humberto, a grande ponte monumental, uma *passarelle*, a ponte Isabe' e a ponte provisoria. Ha ainda dois caminhos de ferro aereos electricos, e

nha, embelezada por jardins que se estendem até á collina sobre a qual se mostra o Chateau d'Eau. A' esquerda, na corrente do Pó, o palacio da França impõe-se com a sua superficie de quatorze mil metros quadrados e com a sua cupula á altura de cincoenta metros. Na margem opposta estão os pavilhões das colonias francezas, das cidades de Paris e de Marsella. A seguir o palacio da Belgica, depois o do Brazil, o da America latina e o da Argentina. Se em vez de se subir pela praça



1—A ponte monumental 2—O rei e a rainha de Italia Inaugurando a exposição de Turim

um serviço de barcos automoveis. A ponte desemboca na margem direita n'uma vasta praça fechada pelos palacios da França e da Allema-

na, embelezada por jardins que se estendem até á collina sobre a qual se mostra o Chateau d'Eau. A' esquerda, na corrente do Pó, o palacio da França impõe-se com a sua superficie de quatorze mil metros quadrados e com a sua cupula á altura de cincoenta metros. Na margem opposta estão os pavilhões das colonias francezas, das cidades de Paris e de Marsella. A seguir o palacio da Belgica, depois o do Brazil, o da America latina e o da Argentina. Se em vez de se subir pela praça



1—Durante a cerimonia da inauguração (Clichés Chusseau Flavien)

querda está o pavilhão da marinha. Também se mostram na exposição os palácios dos correios, telegraphos, telephones, de festas, musica e electricidade. Divide-se a exposição em 26 grupos que tem por fim indicar o caminho percorrido pela nação e pelo mundo civilizado em todos os ramos da actividade physica, intellectual, economica e moral. A entrada notam-se pela sua beleza estranha, pela sua forma deliciosa, os palácios da moda, das industrias artisticas, da cidade de Turim e os annexos, o da Hungria, do Club Alpino, da exposição de caça e pesca. Uma escada grandiosa conduz á ponte monumental que

tem cinco arcos e 120 metros de comprimento. Foi em 28 de abril que o rei de Italia inaugurou a exposição com que se celebra o cincoentenario da libertação da sua patria, a unificação italiana. A cerimonia realisou-se com a maior imponencia. Tropas ladeavam as ruas, couraceiros escoltavam a carruagem real, principes, ministros, dignitarios, enchiam a sala onde dentro em pou-



2—O rei e a rainha de Italia á sahida da exposição

co ia falar o *maire* de Roma, o celebre Natham, que evocaria toda a vida da nação, a lucta travada para se chegar a estes resultados brilhantes de que a exposição de Turim é como um fecho de ouro.

Dentro em pouco, para os ultimos dias de maio, os vozeles aeroplanos voarão sobre as arestas das cupulas, sobre as grimpas, sobre as flexas douradas n'esse concurso que está despertando a attenção do mundo, já celebrado com o titulo Paris—Roma—Turim, para o que ha enormes premios. São mais de quinhentos mil francos a distribuir divididos por

diferentes partes do percurso como no territorio francez, Florença, Roma, etc. D'este modo se coroará d'uma forma digna da exposição esse soberbo certamen italiano que a Europa acaba de vêr inaugurar-se com verdadeiro successo. A Italia celebrou o seu vincoentenario de paiz livre com uma exposição onde se lê toda a historia do mundo nos ultimos annos e onde Porugal não tem um pavilhão.

UM DOCUMENTO INTERESSANTE



Agora que se celebrou com uma grandiosa manifestação a memoria do illustre chefe republicano que foi José Elias Garcia, é curioso publicar alguns aspectos do seu funeral realisado em 14 de abril de 1891 e no qual toma-

ram parte, como na commemoração funebre de ha dias, as esco'as de que foi um devotado propagandista, a maçonaria a que tanto se dedicou, o povo por elle tão ama-



Dois aspectos do enterro de Elias Garcia, cujo anniversario funebre a Republica ha pouco commemorou solememente—(Clichés de Vidal e Fonseca)

LEIRIA VISTA POR UM CARICATURISTA



- 1—Francisco Lanca. Pina Manique da pecuária! De regresso!...
- 2—José Lopes. Toda a legislação do mundo, advocacia e... e votos!
- 3—Brandão de Carvalho. Um del...zado grosso!...
- 4—Silva Barreto. Pedagogia, artritisimo... com phosphoro à Ferrabraz





1—D. Miguel d'Alarcão (major d'infantaria) Um homem que é magro... de pêlos! 2—Mendes Coelho, cabeça artística e processos crimes 3—Tito Larcher. Ideias, projectos, plantas e... madurezas! 3—Dr. Paulino da Costa Santos, Bigodes e palavras... parlamentares!... 3—José Boaventura. Aspirante a professor, philosopho e... caçador!